

---

# ENUNCIÇÃO

## REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA UFRRJ

---

### O começo da poesia – Em torno de Hölderlin e Trakl

Affonso Henrique Vieira da Costa\*

**Resumo:** O presente trabalho pretende pensar o que é propriamente a poesia a partir dos poetas Friedrich Hölderlin e Georg Trakl. Procura pensar a poesia a partir da essência da linguagem, remetendo-a ao próprio começo.

**Palavras-chave:** Hölderlin; Trakl; começo.

**Zusammenfassung:** Dieser Aufsatz beabsichtigt einmal zu denken, was Dichtung eigentlich ist. Und solche Versuch giebt es sich aus den Dichtern F. Hölderlin und Georg Trakl her. Die Dichtung wird aus dem Wesen der Sprache her gedacht und die Sprache wird zum Anfang zurückgeführt.

**Stichworten:** F. Hölderlin, G. Trakl, Sprache, Anfang.

#### 1

Diz-se que, para entoar o canto, o poeta precisa estar encantado. Mas o que é “estar encantado” senão ser tocado pelo toque do que pede para ser cantado? Que toque é esse? Quem ou o que é que pede? Há realmente um pedido? Caso ele exista, quem é aquele que propriamente o escuta e o põe em obra?

Em uma carta de Hölderlin a seu amigo Böhlendorf, no final de outono de 1802, contida no texto de Heidegger “A terra e o céu de Hölderlin”, diz o poeta:

O elemento violento, o fogo do céu e a calma dos homens, sua vida na natureza, e seu comedimento e contentamento, me impressionaram continuamente, e, como se conta dos heróis, bem posso dizer que Apolo me feriu.<sup>1</sup>

---

\* Professor Adjunto de Filosofia da UFRRJ.

<sup>1</sup> HEIDEGGER, Martin. *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013, p. 176.

Repetiremos aqui as palavras do poeta, de maneira que elas possam mais uma vez ressoar em nossos ouvidos:

..., bem posso dizer que Apolo me feriu.

O poeta foi ferido pelo Deus. O que significa isso? Quem é o poeta a ponto de poder ser ferido por um Deus?

Já chegando ao final da carta, o poeta nos diz que

... desde os gregos, recomeçamos a cantar, patriamente e naturalmente, de modo propriamente original.<sup>2</sup>

Ser ferido pelo Deus significa, pois, poder cantar “de modo propriamente original”. E isso “desde os gregos”. Mas o que diz aqui “original”?

No início do fragmento da carta acima mencionada, encontramos o verbo “recomeçar” em “recomeçamos a cantar”. Tal passagem nos faz perguntar: O que era todo o canto até aí, até esse recomeço? Era um canto apartado de seu começo? O que é “começo”?

Algumas páginas adiante, neste mesmo texto, o filósofo escreve: “No entanto, de que maneira um começo é? Um começo estará presente enquanto continuar a chegar”.<sup>3</sup>

Diante disso, temos que um começo não é algo que começa e que se deixa para trás. Um começo começa e está sempre presente naquilo em que ele se desdobra ao longo do tempo. Começo aqui é *arché*. O canto que é apartado de seu começo não é canto nenhum, pois está fora de seu desdobramento originário. “Recomeçar”, portanto, é reenviar o canto ao seu começo. Cantar desde esse instante. A originalidade do canto se dá quando ele se desdobra desde aí. O original, neste sentido, muito mais do que o novo, a novidade, é o mais antigo, o que repercute desde as origens. Ouçamos as palavras de Hölderlin no prefácio à penúltima versão do *Hipérion*: “Originalidade é para nós novidade. Mas nada me é mais caro do que é tão antigo como o mundo. Originalidade é para mim *intimidade intensa*, profundidade de coração e de espírito”.<sup>4</sup>

Embora originalidade seja novidade, ela precisa ser, enquanto o novo, aquilo que é tão antigo quanto o mundo. Somente assim e respeitando a advertência posterior do

<sup>2</sup> *Idem*, p. 178. Fizemos uma pequena alteração.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 191.

<sup>4</sup> HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion*. Tradução de Mácia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 25.

poeta, que se impõe a partir de um “mas”, pode ela traduzir o que Hölderlin chama de “intimidade intensa”, que nada tem a ver com intimismo, solipsismo, subjetivismo, mas significa aqui, conforme o alemão – *Innigkeit* – e de acordo com Márcia Schuback, “uma experiência de intensidade e intimidade com o dar-se de vida e do viver, onde o coração e o espírito aparecem como o modo em que a vida e o viver expõem o homem para ele mesmo”.<sup>5</sup>

A poesia de Hölderlin expõe o homem para ele mesmo. Por isso Heidegger afirma ser Hölderlin o poeta do poeta. Na sua poesia faz-se presente isso que podemos denominar de “o aberto”, de “abertura de mundo” (ou, se quisermos, de *Dasein*, ser-aí, estar-aí, ser situado, realidade humana, pre-sença, o modo de ser do homem de acordo com Heidegger.) a partir da qual o homem é o que ele é. O que há de mais íntimo e intenso do que ser tomado pela experiência de ver-se na abertura de sentido, em toda possibilidade de ser e de não ser de tudo o que é?

É desde esta experiência, portanto, que o poeta se dá, acontece. E ele se dá aí para o poema, que é aquilo que quer nascer. O poeta é chamado para participar da criação, do processo de vir a ser de mundo, de sua nascividade – *phýsis*.

## 2

Dissemos: O poeta se dá para o poema. O que se quer dizer quando se diz que alguém se dá de todo, inteiramente, para aquilo que faz, para a sua realização? Ouçamos algumas palavras de Heidegger em “A linguagem na poesia” e que talvez nos ajudem a refletir acerca do que está em jogo aqui:

Todo grande poeta só é poeta de uma única poesia. A grandeza de um poeta se mede pela intensidade com que está entregue a essa única poesia a ponto de nela sustentar inteiramente o seu dizer poético.<sup>6</sup>

Antes de tudo, convém que chamemos a atenção para o fato de que a passagem acima pertence à parte introdutória do texto mencionado e que tem como subtítulo “Uma colocação a partir da poesia de Georg Trakl”. Tal colocação, tal busca do lugar em que essa poesia se faz poesia, tem como pressuposto a experiência a partir da qual o

---

<sup>5</sup> *Idem.*

<sup>6</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 27.

filósofo é tomado pelo dizer poético de Trakl. Esse dizer poético, por sua vez, é, precisa estar presente, atravessar sua poética. Esta se nutre daquele. Quanto mais ela se deixar atravessar pelo não dito de todo dizer, mais intensa se revela a poesia do poeta, mais ele se entrega a ela. Pois o seu dizer passa a ser sustentado pelo inalcançável do não dito que nele se resguarda e se faz presente em todo dito. A poesia como que silencia o não dito. Não o oculta, não o deixa de lado e nem rompe com ele, muito pelo contrário, simplesmente silencia, isto é, deixa se sustentar em seus limites, irrompendo desde o que não pode ser dito. E no silêncio escutamos o que se retrai no dito, nos entregamos ao mais antigo, ao próprio começo. É justamente desde o começo que o todo da poética de um poeta se faz. Ele (o poeta) como que já se encontra amarrado pelo todo, pelo conjunto de sua poesia numa totalidade. Esta, por seu turno, se expõe em cada poema. Em cada poema já está inteiro todo o silêncio no impronunciável que permanece impronunciável em todo o dito. Mais uma vez, diz-nos Heidegger:

A poesia de um poeta está sempre impronunciada. Nenhum poema isolado e nem mesmo o conjunto de seus poemas diz tudo. Cada poema fala, no entanto, a partir da totalidade dessa única poesia, dizendo-a sempre a cada vez.<sup>7</sup>

Nenhum poema e nenhum conjunto de poemas dizem tudo. O que seria dizer tudo? Seria, pois, um querer abarcar essa mesma totalidade procurando ser mais forte do que ela, procurando dominá-la, deixá-la à disposição do próprio querer. No entanto, esse querer que talvez quisesse dizer tudo, em assim se colocando, encontra-se na segurança da distância entre ele mesmo e essa totalidade. Ele não se dá conta, ou não quer se dar conta, desse estar apartado do que acredita ser a totalidade. Ele passa a se tomar como o todo que tudo abarca – seu empenho. Em outras palavras: ele acredita poder dar conta de tudo – dominar. Com isso, dizer tudo significaria dar conta do todo e, de tal maneira, que nada sobrasse para ser dito. No entanto, nessa pretensão de querer dizer tudo, o todo a partir do qual o dizer se faz enquanto dizer, já recuou e, no momento em que se pensa que já se falou de tudo, eis que a totalidade já se apresenta resguardada e à revelia daquele que disse o que queria dizer ou o que precisava ser dito.

Esse resguardado da totalidade – o seu movimento de resguardar-se – é o que se faz presente em todo dito, ainda mais no poético. Só que, neste caso, encontra-se de algum modo exposto, aberto, convidando-nos para ir ao seu encontro. Este dito, por ser

---

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28.

poético, aprendeu a lidar com o que se resguarda, vive dele, respeita-o, sabe que sem ele a poesia não vem, não se dá, torna-se impossível. Por isso, o dito poético, em seu dizer, já sabe que não pode dizer tudo e, nesse mesmo dizer, desde um saber apropriado e no âmbito de certa medida, reencontra-se com o seu começo: Ele recomeça. Diferente daquele que crê poder tudo dizer – já que está afastado do não dito e também da possibilidade de ser e de não ser de todo o dito, encontrando-se, pois, apartado de seu começo e, justamente por isso, nada sabe de um eventual recomeço –, é, porém, desse mesmo lugar (só que desde o resguardado da totalidade) que o poeta começa, isto é, recomeça. Pode-se dizer, então, que, no caso daquele que tudo pretende dizer, não há originalidade, tomada aqui como *intimidade intensa*, pois o dito não se encontra em consonância com o desdobramento de sentido a partir do começo, *arché*. E justamente porque aí o dito não se encontra em consonância, também não se dispõe ao movimento de realização de realidade, ao seu aparecer, *phýsis*.

### 3

Mas tentemos ir um pouco mais adiante, ao que tange o dito poético. Qual sua proveniência? Como ele é possível?

Para pensarmos um pouco mais nestas questões, ouçamos novamente Heidegger:

Do lugar da poesia emerge a onda que a cada vez movimentada o dizer como uma saga poética. Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda que emerge permite que toda movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada. Como fonte da onda em movimento, o lugar da poesia abriga a essência sempre velada do que a representação estética e metafísica apreende de imediato como ritmo.<sup>8</sup>

Que onda é esta? Em alemão no original é *die Woge*, a onda, a vaga. Onda e vaga podem significar também “moda”. Algo que vem, encanta a todos, entra em voga, mas que, depois de algum tempo, vai embora, é esquecido. Neste caso, o que vem costuma ir embora para dar lugar à outra novidade. No entanto, ao que parece, não é bem esse o sentido que atravessa o texto acima. Onda, vaga, tem aqui algo a ver com a fonte a partir da qual a poesia vem. Só que, neste caso, a onda reconduz à fonte. Ouçamos outra vez: “Longe de abandonar o lugar da poesia, a onda que emerge permite

---

<sup>8</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28.

que toda movimentação do dizer seja reconduzida para a origem sempre mais velada”. A onda não dispersa. Ela concentra. Traz à tona, ou à presença, a origem através de uma movimentação. Há aí uma recondução ao começo. Esse começo, no entanto, não é propriamente nenhum lugar, algo, digamos assim, espacializado, mas uma “região” de doação de sentido que “abriga a essência sempre velada”. No caso da moda, do simplesmente novidadeiro, há como que uma fuga do velho, do mais antigo, um desvio do começo, o que provoca cobiça, isto é, uma sanha sempre maior pelo mais novo e pelo mais novo ainda. Ela não se satisfaz com nada e, por isso, é compulsiva, e de tal maneira a não querer se deixar perturbar pelo silêncio que paira no fundo de tudo e que determina suas ações.

Mas, que “região” é essa que “abriga a essência sempre velada”? O que se quer dizer aqui com essência?

É o filósofo que novamente nos fala:

A conversa do pensamento com a poesia busca evocar a *essência* da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem.<sup>9</sup>

Trata-se da essência da linguagem, do dizer essencial, daquele que, ao vir à tona, evoca a saga. É o dito originário, que se conduz desde o *lógos*. Somente a partir daí, pelo que está exposto, podem os mortais ser os mortais que são, a saber, como aqueles que, em aprendendo novamente a morar na linguagem, assumem para si mesmos a sua mortalidade.

A passagem nos instiga e nos faz acreditar que o homem se perdeu de sua morada, isto é, que ele não mora mais na linguagem. Neste texto de Heidegger há uma citação preciosa de um verso de Georg Trakl, que diz:

Algo de estranho, a alma na terra.<sup>10</sup>

Bem distante das dicotomias metafísicas, alma aqui, segundo Heidegger, evoca uma estranheza. O estranho é o que não é o comum, familiar. Não se trata especificamente de um tipo de alma, mas da alma propriamente dita, que nos inquieta, que é em toda possibilidade de ser e de não ser. Daquela que busca enraizar-se na terra. Não é à toa que Heidegger vai afirmar que “*fremd* vem de *fram* e tem propriamente o significado de: adiantar-se rumo a um outro lugar, estar a caminho de..., o que se

---

<sup>9</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28.

<sup>10</sup> Idem, p. 30. Em alemão: *Es ist die Seele ein Fremdes auf Erden*.

movimenta em direção ao que foi resguardado, reservado.”<sup>11</sup> Mas o que é que foi resguardado? Resposta: O mais antigo, o arcaico, o começo: O seu (da alma) lugar na terra.

Mas o que faz do estranho o estranho que ele é? Simplesmente o estar a caminho, em travessia. A alma está a caminho do que lhe é o mais próprio. Ela segue um apelo que só ela mesma ouve, vê. Seguindo o apelo, ela se põe à parte, solitária, como “algo de estranho na terra”. Por isso, o filósofo nos ensina, de acordo com o escrito de Trakl, que a alma não foge da terra, ela busca a terra.<sup>12</sup> E continua:

A alma realiza o seu modo de ser quando, numa travessia, busca a terra para nela construir e habitar poeticamente e assim poder salvar a terra *como* terra. A alma não é de modo algum primeiro a alma e depois, por alguma razão, o que não pertence à terra.<sup>13</sup>

Nesta pequena passagem podemos observar que o sentido de essência não está preposto e nem subposto ao modo de ser do estranho. O estranho aí é justamente o fato de que este modo de ser precisa ser feito, conquistado, a partir da conquista daquilo que é terrestre, da própria terra. Habitar poeticamente e enraizar-se na terra são sinônimos. Salvar a terra como terra é ser no seu modo de ser, desdobrar-se a partir daí. O sentido de essência é verbal e diz: essencializar. Ou seja: desdobrar-se desde aquilo que vai abrindo como o que pede para ser feito, realizado. Mas como isso é possível?

#### 4

O estranho – a alma que busca a terra, um enraizamento – afasta-se do que Trakl chama de “geração desvigorada”. Este afastamento, no entanto, acontece independentemente da vontade daquele que busca um enraizamento e é denominado de “o estrangeiro”. Ele é assim denominado à medida que se encontra afastado, separado, distante da “geração decaída”, da geração incapaz de retomar o começo, de sequer recordá-lo.

Assim dividida e abatida, a “geração decaída” não consegue mais encontrar por si mesma a batida certa. Ela só consegue encontrar a batida certa com aquela espécie cuja dualidade atravessa da discórdia para o ânimo suave de uma

---

<sup>11</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, pp. 30-31.

<sup>12</sup> Idem, p. 31.

<sup>13</sup> Idem.

duplicidade simples, ou seja, com a espécie que é um “estranho”, e que desse modo segue o estrangeiro.<sup>14</sup>

Quem é o estrangeiro? Ele é o viandante, “o outro da geração desvigorada”. Ele é ainda aquele que “está sendo chamado para longe e à parte dos outros”.<sup>15</sup> Ele é conduzido por um sentido que vai se abrindo na sua trajetória a ser percorrida até o outro lado. Ele, com isso, é chamado para o declínio. Declínio é o lugar de toda possibilidade de ser e de não ser, de ser salvo e destruído. O estrangeiro precisa, em suas veredas, atravessar a destruição em direção ao entardecer, ao fim do dia. “No entardecer, o dia se põe num poente que não é nenhum fim, mas somente a inclinação para preparar aquele declínio pelo qual o estrangeiro adentra o começo de sua travessia”.<sup>16</sup>

Mas que declínio é esse? Para onde ele aponta? O que ele busca? O declínio, conforme vemos, inaugura o começo de uma travessia. Na linguagem de Trakl, o declínio é “o perder-se no lusco-fusco entusiasmado do azul”<sup>17</sup>. Esse perder-se, no entanto, é um lançar-se para um novo modo de ser que se abre desde o declínio e que é resguardado por uma outra nascente.<sup>18</sup>

Trata-se, então, de uma jornada que se despede e que, por isso, se separa, da geração desvigorada. Essa despedida e separação marcam o canto de Trakl localizando-o no que se denominou de *desprendimento* (*Abgeschiedenheit*). O poeta é o *desprendido* (*Der Abgeschiedene*). Sobre isso, diz-nos ainda Heidegger:

Por ele e em torno dele, a saga poética está afinada num único canto. Porque as poesias desse poeta estão concentradas no canto de quem se desprende e separou, chamamos o lugar de *desprendimento*.<sup>19</sup>

## 5

Onde nos encontramos? Na “região” a partir da qual a poesia torna-se possível, qual seja, a “região” em que o desprendimento acontece em todo o seu esplendor. Nesse acontecer dá-se o começo desde a plenitude de um fim. Trata-se de lançar-se numa nova

---

<sup>14</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 40.

<sup>15</sup> *Idem*.

<sup>16</sup> *Idem*, p. 41.

<sup>17</sup> *Idem*, p. 40.

<sup>18</sup> *Idem*, 41.

<sup>19</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 42.

nascente, isto é, no âmbito de um revigoramento. É, sobretudo, plantado na terra, no que é terrestre, que o desprendido, o estrangeiro, vige. Na vigência de seu vigor vai se constituindo o pátrio. Lembremos a citação de Hölderlin feita no início deste trabalho:

... desde os gregos, recomeçamos a cantar, patriamente e naturalmente, de modo propriamente original.<sup>20</sup>

Naquela altura deixamos de lado propositadamente a palavrinha fundamental “patriamente”. Ela diz em alemão *vaterländisch*, isto é, ao modo da terra pátria, da terra natal. Em que medida cantar patriamente é já um afastar-se da geração desvigorada em direção à constituição de um novo vigor? Na medida em que nos deixamos novamente enraizar, criar raízes, nutrindo-nos da terra e crescendo em direção às alturas. Aí criamos uma habitação. Habitar aqui significa: morar no próprio entardecer. E o que é o entardecer? É a passagem do dia que não é dia e nem é noite. É, como nos diz Nietzsche, em seu *Zarathustra*, uma transição e um ocaso. Aí tudo se confunde – claro e escuro, noite e dia, positivo e negativo, ser e não ser, salvação e perdição –, tudo se dá numa unidade de sentido revigorante, à espera de uma nova nascente. Esse passo é percorrido pelo estrangeiro que, na linguagem de Trakl, caminha sob o “lusco-fusco entusiasmado”. Diz-nos Heidegger, acerca dessa terra:

A terra onde se põe o que morreu cedo demais é a terra desse entardecer, desse poente. A localidade do lugar, recolhida pela poesia de Trakl, é o vigor encoberto do desprendimento. Seu nome é “ocidente”, em alemão *Abendland*, literalmente terra do ocaso, do entardecer.<sup>21</sup>

É justamente no ocidente, na terra do ocaso, que o estrangeiro é o desprendido, aquele que, à parte, como o outro dos outros, dispõe-se ao poético morrendo cedo demais, isto é, entregando-se ao que vai se abrindo em sua jornada em direção ao poente. É justamente esse dirigir-se ao poente – que só pode acontecer no âmbito do que Trakl chama de desprendimento – que se dá a possibilidade de transformação do homem desde a apropriação do mais antigo, do mais arcaico, pois, como também nos ensina o filósofo, “desprendimento é ‘começo’ de uma era crescente de mundo e não abismo da decadência”.<sup>22</sup> Por isso, Heidegger é incisivo em dizer que Trakl não é o

---

<sup>20</sup> HEIDEGGER, Martin. Explicações da poesia de Hölderlin. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013, p. 178.

<sup>21</sup> HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 65.

<sup>22</sup> *Idem*.

poeta que canta a decadência, mas aquele que vê a alma – esse algo estranho sobre a terra – num envio em direção ao declínio. Trata-se, antes, de seguir pela “noite entusiasmada dos anos de desprendimento”.<sup>23</sup>

Mas, perguntamos ainda: O que significa esse seguir? Seguir aqui é trilhar por caminhos, por veredas encobertas que vão se abrindo ao longo da jornada. O que se abre é aberto pelo canto entoado do poeta. A poesia, ao entoar o canto, deixa-se conduzir por uma nova batida, entrando, com isso, numa nova cadência, na movimentação gerada pela onda que “a cada vez movimenta o dizer como uma saga poética”<sup>24</sup>, permitindo uma recondução ao começo.

### Referências bibliográficas:

- HEIDEGGER, Martin. *A linguagem na poesia*. In: *A caminho da linguagem*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Conferências e escritos filosóficos (Os pensadores)*. Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio e Conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Explicações da poesia de Hölderlin*. Tradução de Claudia Drucker. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Sobre o humanismo*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Ser e tempo*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2006.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion*. Tradução de Marcia Schuback. Petrópolis: Vozes, 2012.

---

<sup>23</sup> *Idem*, p. 68.

<sup>24</sup> *Idem*, p. 28.